

# POSSESSÃO DEMONÍACA NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS: RELATOS, SINTOMAS E CURA

Milton Thiago da Silva Pereira<sup>52</sup>

Samuel Marques Campos<sup>53</sup>

Elildes Junio Macharete Fonseca<sup>54</sup>

**RESUMO:** Muitos contextos evangélicos tradicionais, infelizmente, têm tido influências neopentecostais em seu entendimento e em sua abordagem acerca da possessão demoníaca. No entanto, as Escrituras discorrem sobre a existência de Satanás e dos demônios e os evangelhos, em especial o evangelho segundo Lucas, apresentam o poder de Jesus sobre esses seres malignos. Diante desse contexto, este artigo visa, primeiramente, entender a descrição bíblica sobre Satanás, os demônios e a autoridade de Cristo para libertação de possesores. Em seguida, serão tratados panoramicamente os relatos de possessão demoníaca na perspectiva lucana. Em terceiro lugar, serão organizados os sintomas da possessão demoníaca registrado pelo “médico amado”. Por fim, propor-se-á uma classificação das possessões demoníacas e como ocorreram as curas das doenças. Tratar tais episódios entendendo a forma como Cristo lidou com essas situações pode lançar luz sobre como a igreja deve encarar essa temática de forma equilibrada em nossos tempos.

**Palavras-chave:** Satanás; demônios; possessão demoníaca em Lucas; sintomas; classificação; cura.

**ABSTRACT:** Many traditional evangelical contexts have unfortunately had neo-Pentecostal influences in their understanding and approach to demonic possession. However, the Scriptures speak of the existence

---

<sup>52</sup> Milton Thiago da Silva Pereira é bacharel em Teologia pela *Faculdade Teológica Batista Equatorial* (Belém, 2023). Atualmente é acadêmico de Psicologia pela *Universidade da Amazônia*. Também é professor de Religião, com ênfase em Formação Cristã, na rede privada de ensino de Belém, no Pará.

<sup>53</sup> Samuel Marques Campos é bacharel em Ciência da Computação pela *Universidade Federal do Pará* (Belém, 2005). É licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (Batatais-SP, 2020). É especialista em Teologia Bíblica (Belém, 2007) e mestre em Teologia (Belém, 2010), ambos, cursos livres pelo *Seminário Teológico Batista Equatorial*. É especialista em Ciências da Religião pela *Faculdade Teológica Batista Equatorial* (FATEBE) (Belém, 2012), mestre em Ciências da Religião pela *Universidade do Estado do Pará* (2014) e doutor em Ciências Sociais, concentração em Antropologia, pela *Universidade Federal do Pará*. É Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação e Docente Acadêmico da FATEBE.

<sup>54</sup> Elildes Junio Macharete Fonseca é Doutor em Teologia pela PUC-Rio e professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

of Satan and demons, and the Gospels, especially the Gospel of Luke, present the power of Jesus over these evil beings. In this context, this article aims first to understand the biblical description of Satan, demons, and Christ's authority to deliver the possessed. Then, the reports of demonic possession from the Lucan perspective will be dealt with panoramically. Thirdly, the symptoms of demonic possession recorded by the beloved physician will be arranged. Finally, a classification of demonic possessions and how the healing of diseases occurred will be proposed. Treating these episodes with an understanding of how Christ dealt with these situations can shed light on how the church should approach this issue in a balanced way in our times.

**Keywords:** Satan; demons; demonic possession in Luke; symptoms; classification; healing.

## INTRODUÇÃO

Novas concepções sobre possessão demoníaca no mundo evangélico brasileiro se intensificaram a partir do início de 1990, em contextos neopentecostais. Esta doutrina, conhecida como “Batalha Espiritual” ou “Teologia do Domínio”, surgiu nos EUA nos anos 1980 e está relacionada a “tudo o que se refere à luta dos cristãos contra o Diabo”.<sup>55</sup> No entanto, mesmo que esteja majoritariamente atrelada ao neopentecostalismo, as Escrituras tratam de Satanás e dos demônios e devemos buscar entendimento desse assunto dentro de uma perspectiva equilibrada e embasada biblicamente. Nesse artigo, tratou-se de episódios sobre possessão demoníaca segundo o evangelho de Lucas, entendendo que a forma como Cristo lidou com essas situações pode lançar luz sobre como a igreja deve encarar essa temática.

Entende-se que a possessão corresponde a ação de demônios sobre o indivíduo. Assim, estar endemoniado **é uma condição que evidencia o poder de Satanás em se possar e controlar a personalidade dos indivíduos**.<sup>56</sup>

Escolheu-se o evangelho segundo Lucas seguindo a esteira proposta por Wilson Franklim que ressalta que, devido a sua nacionalidade, formação acadêmica e por não ser uma testemunha ocular das experiências messiânicas,

---

<sup>55</sup> MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010, p. 137.

<sup>56</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 49.

Lucas cria possibilidades de enxergar a sociedade e as realizações milagrosas de Jesus sob um aspecto mais científico, ainda que não seja seu objetivo final.<sup>57</sup>

Nesse sentido, estima-se que o evangelho lucano expõe um olhar mais técnico dos milagres de Cristo, sem causar interferência nas narrativas dos maravilhosos feitos de Jesus, ou seja, assim como se destaca a instância espiritual das enfermidades, também se enfatiza os aspectos da doença física e emocional.

Neste texto, busca-se expor, por meio das narrativas do evangelho de Lucas, os relatos e os sintomas causados pela possessão, no intuito de demonstrar o poder de Jesus e a autoridade delegada pelo Senhor para curar os enfermos e libertar os cativos de alma (cf. Lc 9.1).

## 1. SATANÁS, OS DEMÔNIOS E A AUTORIDADE PARA LIBERTAÇÃO DE POSSESSOS

Para Wayne Grudem, o nome “Satanás” é proveniente do hebraico “*satan*”, que significa “adversário”. Seu sentido nos escritos neotestamentários segue o escopo semântico dos escritos veterotestamentários.<sup>58</sup>

Alguns teóricos se debruçam nos conceitos que remetem à Satanás, identificando-o com diferentes graus de autoridade. Ao apontar a distinção entre anjos bons e anjos maus, Louis Berkhof enfatiza que Satanás é considerado o chefe dos anjos maus. Eles empenham-se em tentar destruir a obra do Senhor (cf. Lc 11.21; 2Ts 2.9; 1Pe 5.8).<sup>59</sup>

Em concordância com isso, Frank Thielman traz uma ideia complementar evidenciando que, apesar das forças espirituais inimigas lutarem contra o cumprimento do propósito salvífico de Deus para humanidade, elas não podem frustrar o poder divino de Jesus em curar os enfermos.<sup>60</sup>

Nesse sentido, há diferentes nomenclaturas empregadas a Satanás na Bíblia, como, por exemplo, perspectiva de Grudem:

Ele é chamado “Diabo” (somente no Novo Testamento: Mt 4.1; 13.39; 25.41; Ap 12.9; 20.2; et al.), “serpente” (Gn 3.1, 14; 2Co 11.3; Ap 12.9; 20.2), Belzebu (Mt 10.25; 12.24,27; Lc 11.15), “príncipe deste mundo”

<sup>57</sup> FRANKLIN, Wilson. **O evangelho de Lucas**: a vida de Jesus. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 16.

<sup>58</sup> GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 337.

<sup>59</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 136.

<sup>60</sup> THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007, p. 154.

(Jo 12.31; 14.30; 16.11), “príncipe da potestade do ar” (Ef 2.2) ou “maligno” (Mt 13.19; 1 Jo 2.13).<sup>61</sup>

Para Carlos Vailatti, “Satanás” é declarado aqui-inimigo de Deus, independente da nomenclatura a qual é referenciado. No entanto, o autor enfatiza que há diferenças entre os nomes utilizados a ele, sendo que as nomenclaturas estão associadas aos graus de autoridade.<sup>62</sup>

No evangelho de Lucas, Jesus é apresentado como o prometido de Deus, conforme profetizado no Antigo Testamento. Além disso, apresenta-se neste evangelho, a chegada do Reino de Deus como algo presente, mas futuro (os aspectos “já” e “ainda não”) (Lc 11.2,20; 16.16; 17.20-21).<sup>63</sup>

Outrossim, Jesus é evidenciado como aquele que veio para todos, em um aspecto universal, tanto para os judeus quanto gentios. Sendo assim, o livro de Lucas tem como tema central a “universalidade” do evangelho. Vale ressaltar que, o princípio da universalidade não remete à compreensão de que todos serão salvos, pois no próprio livro há um contraste entre os “filhos da luz” e os “filhos do mundo” (Lc 16.8; cf. 12.29-30, 51 ss.), aqueles que confessarem a Cristo diante dos homens, serão perdoados, porém, aqueles que o negarem serão negados diante dos anjos (Lc 12.8-9).

No evangelho de Lucas também fica em evidência a trajetória do Messias e de seus seguidores, desde a convocação que o mestre Jesus faz, para O seguirem, até o cumprimento da missão que Ele iniciou. Nesse sentido, especificamente no capítulo 9 do evangelho de Lucas, após Jesus ter convocado os doze discípulos para que o seguissem, deu-lhes poder e a autoridade sobre as potestades do mal (v. 1), incluindo o poder para curar doenças. Pode-se compreender, a partir disso, as evidências do papel taumátúrgico dos discípulos como expansão do ministério iniciado por Jesus (Lc 4.36).

Na passagem que narra o retorno dos setenta que foram enviados para missão (Lc 10.1-20), Jesus novamente enfatiza a autoridade conferida aos seus para pisarem em cobras e escorpiões e o poder sobre todo poder do inimigo e, nada os causaria danos.

A ideia central de estar revestido com a autoridade e o poder dados pelo

---

<sup>61</sup> GRUDEM. **Teologia Sistemática**, p. 337

<sup>62</sup> VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

<sup>63</sup> Conceito elaborado por George Ladd para ilustrar a natureza do Reino presente em contraste com as suas manifestações futuras, em outras palavras, o Reino de Deus ainda não foi manifestado em sua completude e nem de modo universal, pois esteve presente apenas em Jesus e naqueles a quem ele comissionou (cf. Mt 10.8; Lc 10.9). Cf. Ladd. **Teologia do Novo Testamento**, 2003.

Mestre remete a compreensão de estar imune aos danos oriundos das potestades do mal enquanto estivessem realizando a obra para a qual foram enviados.<sup>64</sup>

## 2. OS RELATOS DE POSSESSÃO DEMONÍACA NA PERSPECTIVA LUCANA

Em contraste com os evangelhos de Mateus, Marcos e João, o evangelho segundo Lucas enfatiza o ministério de Jesus de libertação de espíritos malignos. Lucas, ainda, destaca-se por apresentar mais relatos sobre libertação, tanto espiritual quanto física e psicológica. Destacaremos panoramicamente, a seguir, as narrativas apresentadas no evangelho lucano relacionadas à cura espiritual (à libertação dos espíritos imundos).

### 2.1 A CURA DE UM ENDEMONINHADO EM CAFARNAUM (LC 4.31-37)

O primeiro relato de possessão descrito no evangelho de Lucas ocorreu logo no início do ministério público de Jesus. O evangelista narra o evento como parte do ensino e da demonstração de autoridade de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, região da Galileia.

No contexto anterior, Jesus havia acabado de retornar da sua tentação no deserto (Mt 4.1-11; Mc 1.12-13; Lc 4.1-13), onde resistiu aos ataques de Satanás. Ele começou a ensinar nas sinagogas da região, e o seu ensinamento estava chamando a atenção das pessoas.

Em um sábado em Cafarnaum, Jesus estava ensinando na sinagoga local. Durante a exposição da sã doutrina, um homem possuído por um espírito maligno gritou e reconheceu Jesus como o “Santo de Deus”. Jesus repreendeu o espírito maligno e ordenou que saísse do homem, o que resultou na libertação e cura do endemoninhado.

A notícia sobre esse incidente se espalhou rapidamente, testemunhando o poder e a autoridade de Jesus sobre os espíritos malignos. Esse evento foi significativo no início do ministério de Jesus, demonstrando o seu poder de expulsar demônios e a autoridade que ele possuía.

Entre as características da possessão presentes nesta narrativa, destaca-se, primeiramente, a alteração na tonalidade de voz do homem possesso, o texto mostra que, ao chegar na sinagoga, o homem gritou, ou seja, não estava em uma condição pacífica. A presença de Jesus e os ensinamentos da Palavra geravam desconforto à sua condição.

---

<sup>64</sup> MORRIS, Leon. **O evangelho de Lucas**. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

Portanto, o contexto da cura do endemoninhado em Cafarnaum, em Lucas, está relacionado ao início do ministério de Jesus e à demonstração do seu poder e autoridade divina. Ele mesmo havia afirmado, por meio do texto de Isaías (Is 61.1,2a), que o Espírito do Senhor estava sobre sua vida e que tinha sido ungido para proclamar, libertar os cativos e curar os enfermos, libertar os oprimidos e pregar o ano aceitável do Senhor.

## 2.1 A CURA DE UM ENDEMONINHADO GARASENO (LC 8.26-56)

O segundo relato sobre manifestação demoníaca apresentado pelo evangelista Lucas ocorreu enquanto Jesus estava em direção às terras de Genesaré<sup>65</sup>, que fica de frente para região da Galileia e onde a população era predominantemente não judia.<sup>66</sup> Após desembarcarem no local, um homem possuído por demônios veio ao encontro de Jesus.<sup>67</sup> Leon Morris ressalta que a violência era visível em seu comportamento seguido de grande força, a ponto de despedaçar algemas e grilhões.<sup>68</sup>

Nesta narrativa, mostram-se algumas características – condições comportamentais, recorrentes da possessão, passíveis de serem analisadas, assim como: nudez; evidências de desordem psíquica; condição de abandono; vivia nos túmulos; isolamento social; e, força sobre-humana.

Ao ver Jesus, o indivíduo sob o estado de possessão, prostrou-se diante dEle, não em uma condição de arrependimento ou adoração, mas em reconhecimento à autoridade do filho de Deus. Em sequência, o homem

---

<sup>65</sup> De acordo com DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2006, Genesaré fica às margens do mar, na região da Galileia, e, enquanto no AT é nominada de “mar de Quinerete” (Nm 34.11), no NT fica conhecido como “lago de Genesaré” (Lc 5.1) e “mar de Tiberíades” (Jó 21.1). O seu moderno nome hebraico é *Yam Kineret*. Nesta localidade Jesus realizou muitos milagres, o evangelista Mateus relata que ao chegar na região de Genesaré, as pessoas que o conheciam traziam-no os enfermos e todos que tocavam em suas vestes eram curados (Mt. 14 34-36). Nessa passagem há alguns questionamentos teológicos em relação ao local citado, pois enquanto em Lucas e Marcos utilizam em sua descrição a região de “genesaré”, Mateus ao se referir à mesma ocasião menciona a região de “Gadara”. Segundo Norman Geisler e Thomas Howe, a distinção entre os termos abordados estão elencados a um erro dos copistas, pois alguns manuscritos remetem esta passagem à terra dos gerasenos. Afirma-se ainda que, “é provável que Gadara tenha sido a capital da região, e Mateus, portanto, referiu-se àquela área como sendo a terra dos gadarenos, porque o povo daquela região, quer vivessem em Gadara ou não, identificavam-se como gadarenos”. Sendo assim, não haveria erro e nem contradições nas narrativas dos evangelhos, pois o problema estaria relacionado à processo de transcrição e não aos textos originais. Cf. GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

<sup>66</sup> STUHLMUELLER, Carrol. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 144.

<sup>67</sup> Em relação ao mesmo evento, segundo o evangelho de Mateus (8.28) foram ao encontro de Jesus dois homens, ambos em condições deprímies.

<sup>68</sup> MORRIS, Leon. **O evangelho de Lucas: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 147.

exclamou em voz forte um questionamento sobre intenção de Jesus após ter ordenado que o espírito saísse, também faz um pedido para Jesus, para que não o atormentasse, ou seja, não reprimisse.

A razão pela qual o espírito imundo faz esse pedido pode ser atribuída a algumas possibilidades. Uma delas é que os espíritos malignos sabiam que Jesus tinha poder para expulsá-los e, portanto, temiam sua presença. Eles reconheciam que seriam atormentados ou punidos por Jesus caso ele assim decidisse. Além disso, o pedido também pode ser interpretado como um apelo para que Jesus não os enviasse para o abismo (Lc 8.31). O abismo é uma referência a um lugar de confinamento ou punição dos espíritos malignos, como mencionado em outras passagens bíblicas, como em Apocalipse 9.1-2. Em suma, o pedido do espírito imundo para que Jesus não o atormentasse é uma expressão de medo e reconhecimento da autoridade divina de Jesus sobre os espíritos ímundos. Certamente, expressavam mais temor do que falta de fé.<sup>69</sup>

Jesus perguntou: — “Qual é o seu nome?” Ele respondeu: — “Legião”. Isto porque muitos demônios tinham entrado nele. Estes pediram a Jesus que não os mandasse para o abismo. Ora, uma grande manada de porcos estava pastando ali no monte. E os demônios pediram a Jesus que os deixasse entrar naqueles porcos. Jesus lhes permitiu. Tendo os saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do lago, e se afogou. Vendo o que tinha acontecido, os que tratavam dos porcos fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos.

Com as notícias do que havia ocorrido, muita gente se aproximou. Ao se aproximarem de Jesus, a multidão assustou-se ao ver o homem de quem haviam saído os demônios aos pés de Jesus, vestido e com perfeito juízo. A expressão “ter juízo perfeito” pode ser entendida como uma descrição de seu estado após a libertação, onde ele estava completamente são e livre das influências demoníacas que o afligiam anteriormente.

O modo com que o encontraram, em uma condição sã, serviu de testemunho para os que o conheciam em seu estado anterior. Ao ouvir os relatos sobre o poder de atuação sobre as trevas do Mestre, os gerasenos ficaram com medo e pediram para que Jesus saísse da terra deles. Apenas o homem que fora curado implorava para que o Messias o levasse consigo, no entanto, a pedido de Jesus, foi para o que homem

---

<sup>69</sup> STUHLMUELLER. *Evangelho de Lucas*, 1975

permanecesse na cidade e testemunha-se o que Deus havia feito por ele, e assim se sucedeu por toda aquela região.

### **2.3 JESUS E BELZEBU (LC 11.14-23)**

No capítulo 11 do evangelho de Lucas, há outro relato sobre a manifestação dos espíritos imundos, o quarto apresentado na obra. Nesta seção, destaca-se que Jesus estava ensinando os discípulos sobre a oração. Para isso, utiliza-se, além de um modelo estabelecido para oração, uma parábola (vs. 5-8) e também uma exortação à busca constante pelo Pai (vs. 9-13).

Descreve-se no texto que, certo dia, Jesus estava expulsando um demônio que era mudo<sup>70</sup>, de alguma forma o espírito imundo estava impedindo a fala do indivíduo que estava possesso. E aconteceu que, ao sair o demônio, o mudo passou a falar e as multidões se admiravam (v. 14). Diante disso, alguns dos presentes<sup>71</sup> diziam: — “Ele expulsa os demônios pelo poder de Belzebu, o maior dos demônios.” E outros, tentando-o, pediam dele um sinal vindo do céu.

Mas Jesus, sabendo o que passava pela mente deles, disse-lhes: — “Todo reino dividido contra si ficará deserto, e casa sobre casa cairá. Se também Satanás estiver dividido contra si, como o seu reino subsistirá? Isto porque vocês dizem que eu expulso os demônios por Belzebu<sup>72</sup>.”

“Jesus encerrou seu argumento com um apelo à prática dos exorcistas judaicos. Se expulsar demônios significava ter parte com o diabo, então os praticantes judaicos desta arte estão no mesmo caso. O argumento deles comprova demais”.<sup>73</sup> A fala que dá base para isso é: “Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, é certamente chegado o Reino de Deus sobre vocês” (v. 20).

Na perícope em questão, mostra-se uma metáfora relacionada a guerra. A batalha se dá entre Satanás e Messias. Jesus cita um valente, bem armado, que guarda a sua própria casa, por isso todos os seus bens ficam em segurança. No entanto, se aparece alguém mais forte do que ele, vence-o, tira-lhe a armadura em que confiava e reparte todos os seus bens.

Stöger e Machado apontam que a ideia básica da parábola está na antítese:

<sup>70</sup> No texto paralelo do evangelho de Mateus, cita-se que além de mudo o homem possesso também era cego.

<sup>71</sup> Segundo os relatos de Marcos 3.22, os homens que acusavam Jesus era um grupo de Escribas que tomaram ciência do ocorrido e vieram de Jerusalém e em Mateus 12.22 são mencionados como fariseus.

<sup>72</sup> Belzebu significa “senhor das moscas”. De acordo com Darrell Bock, Belzebu é identificado como o maior dos demônios e aparece na literatura judaica no Testamento de Salomão 2.8-3.6 e 6.1-11. Jesus, assim, é acusado de ser um mágico e feiticeiro. Cf. BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**. São Paulo: Shedd Publicações, 2006, p. 176.

<sup>73</sup> MORRIS. **O evangelho de Lucas**, 1983.

“seguros estão os seus bens” e “dividir os despojos”, a compreensão dessa passagem pode ser comparada ao reino de Satanás na terra, tudo estava aparentemente bem, até a chegada daquele que era mais forte, o Messias e assim tomar aquilo que era seu.<sup>74</sup>

Por fim, Jesus lança uma afirmação decisória sobre o caminho a ser seguido: “quem não está comigo, anda contra mim”, não há espaço para neutralidade, a compreensão desta passagem é semelhante à ideia trabalhada em Mateus 7.13-14, no que tange aos dois caminhos; e, “quem com Cristo não ajunta espalha”, expressando a vida pastoril. O pastor que não contribui na união das ovelhas, separa-as.

De modo geral, esta passagem ressalta o poder e autoridade do Messias sendo posto à prova pelos grupos religiosos daquele período. Provavelmente, o Senhor se refere aos mestres da lei, a quem Jesus se reporta como tolos e hipócritas (cf. Lc 11.40).

#### **2.4 A VOLTA DO ESPÍRITO IMUNDO (LUCAS 11.24-26)**

Após Jesus enfatizar sua ação de cura pelo poder de Deus (v. 20), retoma a narrativa de que depois que o espírito imundo sai de uma pessoa, fica vagando por espaços áridos, buscando onde repousar, ou seja, um novo hospedeiro. Neste caso, não havendo, reconsidera-se a possibilidade de retorno para “casa de onde saiu”.

Mediante a isso, constata-se que, quem esteve no estado de possessão, a menos que se converta, não deve se considerar livre de outros possíveis ataques dos espíritos imundos, no que tange à possessão.

Acrescenta-se que, o espírito imundo ao retornar e encontrar espaço onde estava anteriormente, vai e leva consigo outros sete espíritos para habitarem na pessoa, piores do que ele, resultando em um estado superior do que a primeira ocasião.

#### **2.5 A CURA DE UMA MULHER POSSUÍDA (LUCAS 13.10-17)**

Não muito distante dos relatos passados, num sábado, enquanto Jesus estava ensinando numa das sinagogas, chegou-lhe uma mulher possuída de um espírito de enfermidade<sup>75</sup>, que a fazia andar encurvada, sem poder se endireitar de modo nenhum, isso havia dezoito anos. Em termos biológicos, a deformidade da

<sup>74</sup> STÖGER, Alois; MACHADO, Álvaro. **O evangelho segundo Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

<sup>75</sup> De acordo com Léxico do grego analítico, a palavra enfermidade vem do grego “ασθενειας” e remete a um estado de falta de força, fraqueza ou debilidade corporal. Cf. MOULTON. **Léxico grego analítico**, p. 61.

mulher é descrita por A. Rendle Short como “*espondilite deformans*; os ossos da sua espinha foram fundidos numa massa rígida”.<sup>76</sup>

Ao vê-la, Jesus a chamou e lhe disse: — Mulher, você está livre da sua enfermidade. Nesta passagem, está em questão o tempo de salvação, havia 18 anos que a mulher estava condicionada à sua enfermidade, porém ao encontrar com Jesus fora curada. A atitude do mestre também não foi algo comum entre os outros episódios de cura e libertação, pois ele impôs as mãos sobre ela, e, imediatamente, se endireitou e a mulher dava glória a Deus.

Nesse contexto, a atitude de Jesus gerou indignação no chefe da sinagoga, pois Jesus estava curando no sábado, disse à multidão: — Há seis dias em que se deve trabalhar. Venham nesses dias para serem curados, mas não no sábado. Porém, o Senhor lhe respondeu: — Hipócritas! Cada um de vocês não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber?

Esta não é a primeira vez que Jesus exorta os fariseus sobre o modo certo de guardar o sétimo dia, em Lucas 6, Jesus ao ver seus discípulos serem questionados sobre a colheita, declara-se Senhor do sábado (vv. 1-5), e em sequência, em outro sábado, também realiza um ato de cura demonstrando sua compaixão pela causa dos necessitados. Em sequência, porém, o Senhor lhe respondeu: — Hipócritas! Cada um de vocês não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber? Por que motivo não se devia livrar deste cativo, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?

As palavras de Jesus levaram àqueles que o questionavam à reflexão, fazendo-os ficar envergonhados. Apesar disso, muitos dos que estavam na multidão se alegravam por todos os feitos gloriosos que Jesus realizava.

## 2.6 EPISÓDIO DE JUDAS (LC 22.3)

Em último relato, nos momentos finais do ministério de Jesus, destaca-se o pacto da traição de Judas, apesar do não detalhamento, é narrado que no período próximo a páscoa, os principais sacerdotes e escribas buscavam estratégias para matar Jesus. Visto que, o ministério de Jesus era uma ameaça aos mestres da lei, principalmente pelo seu poder e a influência (Lc 19:45-48), além disso, Jesus é acusado pelos líderes dos judeus e pelos chefes dos sacerdotes de blasfêmia (Lc 22:66-71)

Destaca-se no relato lucano algumas informações específicas da fonte que utilizou, por exemplo, narra-se que “*Satanás* entrou em Judas, chamado

<sup>76</sup> SHORT apud MORRIS. *O evangelho de Lucas*, 1983, p. 210. Grifos originais.

Iscariotes, levando-o a entregar Jesus às autoridades” (Lc 22.3, grifos nossos), somente Lucas faz menção à ação satânica antes do pacto de trair Jesus, ademais, a narrativa também oferece informações sobre os capitães (comandantes da guarda do Templo) estarem envolvidos. Não fica claro porque Judas traiu Jesus. Supõe-se que um dos motivos era a avareza decepcionada.<sup>77</sup>

No evangelho de João (Jo 13.2), no episódio lava pés, encontra-se uma expressão que remete a ação demoníaca sobre Judas para que traísse Jesus. A frase utilizada é “διαβόλου ἤδη βεβληκότος”, traduzida como “Diabo já tendo lançado” no seu coração a traição. Para Lucas essa seria a explicação para traição de Judas, a ação de Satanás entrar nele (cf. Jo 13.27).

O que levava esse privilegiado discípulo a tornar-se um traidor de Cristo? Teria sido o orgulho ferido, a ambição frustrada, avareza profundamente arraigada, temor de ser expulso da sinagoga (Jo 9.22)? Sem dúvida, tudo isso estava incluso, porém a razão mais básica poderia muito bem ser esta: entre o coração completamente egoísta de Judas e o coração infinitamente generoso de Jesus havia um abismo tão imenso, que ou Judas teria de implorar ao Senhor que lhe outorgasse a graça da regeneração e a plena renovação, pedido que o traidor perversamente se negou a fazer, ou teria de oferecer sua colaboração para se ver livre de Jesus.<sup>78</sup>

Apesar da distinção dos termos utilizados, Vailatti destaca que Diabo, provém do grego “διάβολος” e ocorre trinta e oito vezes no Novo Testamento, é uma forma de se remeter ao maligno, seria outro nome de Satanás. Além disso, são evidenciadas outras formas de se remeter aos espíritos imundos no novo testamento, bem como: Belzebu, o maioral dos demônios (cf. Lc 11.15).<sup>79</sup>

Em suma, segundo a perspectiva lucana, antes e durante a traição de Judas, fica evidente a ação demoníaca em possuí-lo. Em João 6.70-71, Jesus se reportar a Judas como um Diabo, no sentido de que foi usado como instrumento maligno que cooperou para que o Mestre fosse traído.

### 3. SINTOMAS DA POSSESSÃO DEMONÍACA

Por meio das narrativas apresentadas em Lucas, averigua-se inúmeros fenômenos, além do aspecto espiritual, de alterações de ordem física e mental decorrentes da possessão demoníaca. No caso do “endemoninhado geraseno”,

<sup>77</sup> MORRIS. *O evangelho de Lucas*, 1983, p. 284.

<sup>78</sup> HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Lucas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 447.

<sup>79</sup> VAILATTI. *Manual de demonologia*, 2011.

nota-se, mediante ao relato bíblico, um estado de desequilíbrio psíquico, podendo ser caracterizado como insanidade. Outrossim, no que tange ao relato da “mulher encurvada”, evidencia-se uma alteração de ordem estrutural, pois durante anos ela não conseguia ficar em uma postura ereta.

Oscar Quevedo, apesar da discordância em sua literatura acerca da ação de Satanás sobre os indivíduos, traz um argumento interessante sobre a análise do contexto bíblico ao afirmar que, a mentalidade da época bíblica era diferente. Devido a um conhecimento medicinal mais limitado se comparado ao que temos hoje, muitas doenças não eram nominadas cientificamente, mas eram caracterizadas somente em seu aspecto espiritual.<sup>80</sup>

No Novo Testamento, as doenças, recorrentemente, são atribuídas a certo influxo de Satanás. Entre as narrativas presentes nos Evangelhos, as doenças mentais são identificadas como possessão demoníaca, visto que seus autores falam na linguagem e nos recursos disponíveis no seu tempo. No entanto, tais aspectos não desmistificam a autoridade bíblica e nem o ministério taumatúrgico de Jesus.

De acordo com Wiersbe, em relação à associação das possessões com as doenças de causas desconhecidas no período do ministério de Jesus, podem ser considerados dois fatores importantes: primeiramente, o fenômeno da possessão pode ser analisado como uma “doença” especial, pois habitualmente as narrativas dos evangelistas trazem sequencialmente os episódios de exorcismos com curas nos aspectos físicos e espirituais.<sup>81</sup>

Também deve-se considerar que as próprias histórias de exorcismos por vezes oferecem o diagnóstico da verdadeira origem ou causa da “possessão”, qualificando melhor os demônios ou os espíritos que lhes correspondem. Isso pode visto por meio das terminologias das palavras, especificamente pelos adjetivos que acompanham o termo “*pneuma*”, traduzida como Espírito (Lc 9.39; cf. Mt 8.16).

Entre as qualificações, destacam-se, em grego: *Pneúma asthenéias*: Espírito de enfermidade (Lc 13.11); *Pneúma akátharton*: Espírito impuro (Lc 4.36; 6.18; 8.29; 9.42; 11.24; At 5.16); *Pneúma daimoniou akathártou*: Espírito dum demônio impuro (Lc 4.33), e *Pneúma ponerón*: Espírito maligno/mau (Lc 7.21; 8.2 - cf. At 19. 12,13,15 e 16). Com isso, chega-se aos seguintes apontamentos:

<sup>80</sup> QUEVEDO, Oscar Gonzalez. **Antes que os demônios voltem**: explicação dos fenômenos e análise das teorias a luz da psicologia, filosofia, teologia e parapsicologia. São Paulo: Loyola, 1989.

<sup>81</sup> WIERSBE, Warren W. **Seja compassivo**: deixe o mundo saber que Jesus se importa: Lucas1-13. Santo André, SP: Geográfica, 2015.

“os demônios são concebidos como espíritos, ou seja, seres/poderes ‘sem carne e osso’ (cf. Lc 24.39), que incidem sobre as pessoas e lhes causam malefícios”.<sup>82</sup>

Observa-se que a manifestação das forças malignas atua acarretando alterações na condição de saúde dos indivíduos, bem como por meio de sintomas decorrentes da possessão. De acordo com narrativa do evangelista Lucas, apresentadas no Quadro 1:

### QUADRO 1 – Sintomas de possessão na perspectiva relatos lucanos

Episódio	Referência	Sintomas	Classificação do autor
Endemoniado em Cafarnaum	Lc 4.31-37	Grito, domínio sobre o corpo (lançou-o no chão)	Alterações de ordem física e espiritual
O endemoniado geraseno	Lc 8.26-56	Não se vestia, morava nas ruas, vivia nos túmulos, força sobre-humana	Confusão mental, Isolamento; abandono social; aspectos de insanidade
O jovem possesso	Lc 9.37-45	Grito, convulsão até espumar, sinais de maus-tratos, domínio sobre o corpo (lançou-o no chão) e novamente episódios de convulsão	Sintomas característicos da epilepsia
Jesus e Belzebu	Lc 11.14-23	Impedia a fala (mudo), segundo o relato de Mateus também era cego	Surdez (dificuldade na fala) e cegueira
Mulher enferma	Lc 13.10-17	O espírito traz enfermidade e encurvava a mulher impedindo-a de ficar em postura ereta	Deficiência física

<sup>82</sup> WEGNER, U. Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus segundo os evangelhos. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo-RS, v. 43, n. 2, p. 82–103, 2022. Disponível em: [https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/ET/article/view/1393](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/1393). Acesso em: 22 set. 2023, p. 121.

Episódio de Judas	Lc 22.3	Pôs em seu coração o desejo de trair Jesus	Opressão e manipulação
-------------------	---------	--	------------------------

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Nota-se que, uma vez que em todos os relatos apresentados de possessão no evangelho de Lucas, os demônios agem causando alterações visíveis e prejudiciais ao indivíduo.

#### 4. A CLASSIFICAÇÃO E CURA DAS DOENÇAS

Introdutoriamente, nota-se que, ainda no verso 1 do capítulo 9 do evangelho Lucano, são utilizados dois termos distintos para classificar as doenças: primeiramente, utiliza-se “νόσος” (nósos), remetendo a uma doença crônica (de caráter persistente), normalmente representa uma doença incurável; logo em seguida, fala-se “ἀσθενής” (*astheneis*) que significa alguém fraco (física ou moralmente).<sup>83</sup>

Tais palavras apresentam a compreensão de que o Senhor é poderoso para curar tanto o aspecto físico, por meio do perdão dos pecados, quanto aquilo que, humanamente, é impossível ou incurável (cf. Lc 7.16).

Exemplo disso, por meio dos atos de cura, Jesus demonstra seu caráter perdoador, bem como na história da mulher pecadora que ungiu seus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos (Lc 7. 36-50). Jesus proclama à mulher: “os seus pecados estão perdoados” e, logo em seguida, “a sua fé salvou você, vá em paz”.

Ao abordar o poder de cura conferido a Jesus, com base no texto de Lucas 5.17, Rienecker afirma que o objetivo do evangelista é, evidentemente, atestar a divindade de Jesus. Por meio dessa passagem, comprova-se que Jesus não tem poder somente para curar, mas também autoridade para perdoar pecados, conferindo liberdade à opressão causada por forças malignas.<sup>84</sup>

Posteriormente, assim como Jesus, os discípulos também foram enviados para pregar o Reino de Deus e curar os enfermos (Lc 9.2). Segundo os escritos lucanos, essa era a missão de Cristo (Lc 4.18), ensinada e direcionada também aos seus discípulos. Nesse sentido, percebe-se que há uma transparente relação

<sup>83</sup> MOULTON, Harold K. **Léxico grego analítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 191, 62.

<sup>84</sup> RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas: comentário esperança**. Curitiba: Esperança, 2005, p. 89.

entre a pregação do Reino de Deus e o ministério de cura exercido por Jesus, sejam em aspectos espirituais, físicos ou psíquicos.<sup>85</sup>

No verso 11, especificamente, fica explícito que a mensagem dos apóstolos e a de Jesus se caracteriza em anunciar o Reino de Deus, o que implica diretamente socorrer os necessitados de cura (cf. vs. 2,6). Com base em Lucas 10.20, destaca-se que esse anúncio visando a libertação se dá como parte do processo de evangelização, não simplesmente por expulsar demônios e curar feridas físicas, mas levar as pessoas a serem salvas (Piragine, 2008, p. 28).<sup>86</sup>

#### 4.1 CURA ESPIRITUAL E LIBERTAÇÃO

A fim de compreender em que consiste a cura espiritual, parte-se da ideia de que há uma enfermidade de espírito. No evangelho lucano há alguns textos que apontam a necessidade da libertação espiritual para alcançar a cura. Esse estado espiritual ocorre em virtude de um distanciamento do Senhor, ou seja, essa pessoa está sob o domínio das trevas e, por isso, seus atos evidenciam esse distanciamento.

Segundo Powlison, com exceção do texto de Atos 16.16-18, a libertação de demônios é um subconjunto da categoria de cura, ou seja, está associado ao senhorio de Cristo para curar os enfermos e oprimidos.<sup>87</sup>

Por meio da cura espiritual, entende-se que há um processo de libertação, não necessariamente ligado ao fato de pessoas caírem no chão ou manifestarem ações paranormais. Antes, a libertação pode ocorrer em áreas intelectuais, no sentido de compreender fatos que outrora ininteligíveis.<sup>88</sup>

Em geral, o evangelista Lucas deixa explícita a autoridade dada por Deus sobre os espíritos imundos e o poder de Jesus para expelir demônios, o que, por sua vez, implica na libertação dos enfermos de alma, ou seja, dos que neces-

---

<sup>85</sup> RIENECKER. **Evangelho de Lucas**, p. 89.

<sup>86</sup> PIRAGINE JR, Paschoal. **Batalha espiritual**: Ministrando libertação no corpo de Cristo. A. D. Santos, 2008, p. 30.

<sup>87</sup> POWLISON, David. **Batalha Espiritual**: firmeza contra os ataques do inimigo. São José do Campos, SP: Fiel, 2021, p. 84.

<sup>88</sup> Como exemplo disso, cita-se o caso de Judas (Lc 22.3) que foi possuído por Satanás, embora não notado pelos outros discípulos por não manifestar características comportamentais comumente associadas à possessão demoníaca. No comentário da Bíblia de Estudo Nova Almeida Atualizada, ressalta-se que “o modelo de comportamento desonesto de Judas era prova da sua incredulidade”, isso evidencia que nunca havia se rendido plenamente ao Senhor, ou seja, supõe-se que nunca foi verdadeiramente liberto. Cf. BÍBLIA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Edição Revisada e Atualizada®, 3. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 1886.

sitam de cura espiritual. Grudem enfatiza que ao derrotar as forças malignas, pela expulsão dos demônios, Jesus evidencia o triunfo do Reino de Deus.

Esse triunfo sobre as forças destrutivas de Satanás revelou como era o reino de Deus. Dessa forma, cada milagre de cura ou libertação da opressão demoníaca favorecia o reino e ajudava a cumprir o ministério de Jesus, pois ele veio com o Espírito do Senhor sobre ele “para evangelizar os pobres (...) para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos” (Lc 4.18).<sup>89</sup>

## 4.2 CURA FÍSICA

Compreende-se por cura física as ações sobre a condição estrutural de uma pessoa. Torna-se notória no ministério de Jesus a demonstração da compaixão em aliviar o sofrimento físico das pessoas, Powlison classifica essa atitude um dos sinais da identidade de Jesus, um chamado à confiança naquele que tem poder para curar e operar milagres.<sup>90</sup>

Embora o ministério de cura empregado por Jesus fosse parte da instauração do Reino de Deus na terra, Coenen e Brown destacam que isso não o coloca como *theioi anthrōpoi* (“homens divinos”) helenísticos, que demonstravam suas capacidades divinas através dos seus atos milagrosos. Em contrapartida, isso denota o cumprimento da profecia descrita no AT (cf. Is 53.4,5), como ato de obediência a Deus, que o enviou.

As curas não comprovam que Jesus é o Cristo, embora que, contempladas contra seu pano de fundo veterotestamentário, são vistas como ato de obediência da parte de Cristo e, portanto, um elemento necessário na Sua obra messiânica. Esta convicção subjaz os muitos resumos (Mt 4:24; Mc 1:34; 3:10) que ressaltam que todos aqueles que se voltam para Jesus recebem a cura — mais um eco do AT (cf. Is 53). É por isso que Ele tem poder de curar no sábado (Mt 12:10; Mc 3:2; Lc 6:7; 13:14). Jesus, ao tomar sobre Si a causa dos indefesos, comprova que é o Servo de Deus (Mt 8:7; 19:2).<sup>91</sup>

Essa compreensão se dá mediante ao fato de que, no AT, a palavra *ebed* é tra-

<sup>89</sup> GRUDEM. **Teologia Sistemática**, p. 290.

<sup>90</sup> POWLISON, David. **Batalha Espiritual**: firmeza contra os ataques do inimigo. São José do Campos, SP: Fiel, 2021, p. 125.

<sup>91</sup> COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 498.

duzida do hebraico para o grego como *therapon* [servo]. Nas línguas modernas, toma-se a raiz da palavra *therapeia* (terapia) para indicar tratamento de cura.<sup>92</sup>

Além disso, na passagem do menino possesso, destaca-se que o insucesso dos discípulos em realizar a cura, apontado por Lucas no capítulo 9, evidencia a incredulidade para realizar milagres, e, quando obtinham sucesso, a ação estava associada à fé no poder de Cristo. Salienta-se nesta passagem a natureza humana dos discípulos em falharem e, na períclope seguinte, a imaturidade deles ao discutirem quem era o maior em razão da realização da cura (Lc 9.46).

Ainda sobre ministério taumaturgo de Jesus, há na expulsão dos demônios a demonstração da soberania e autoridade dada por Deus a Jesus, e como aspecto resultante, a chegada do Reino de Deus (Lc 11.20). Em outras palavras, anunciar a mensagem do evangelho é proporcionar libertação e cura aos cativos de alma. Essa é uma das principais ênfases de Lucas, o poder da Palavra (pregação) na atuação de Jesus (Lc 4.43; 8.1).

Por meio do estudo realizado no evangelho de Lucas, pondera-se que, no ministério de Jesus, nunca houve comissionamento de alguém para pregar o Evangelho sem o direcionamento de curar os enfermos. Ele [Jesus] disse: “Em qualquer cidade em que entrardes (...) curai os enfermos que nela houver” (Lc 10.8,9). Isso é válido para os ministérios vigentes até o retorno de Cristo.

### **4.3 CONTEXTO ESPECÍFICO: A CURA DE UM JOVEM POSSESSO (LC 9.37-45)**

A partir do verso 37 do capítulo 9 de Lucas, no final do ministério de Jesus na Galileia, apresenta-se a seção de experiências em um vale. Junto com Ele estavam os discípulos que foram para o povoado de Betsaida, que ficava próximo ao lago da Galileia, provavelmente na região Nordeste (Lc 9.10). Cerca de uma semana após falar de Sua morte e ressurreição aos apóstolos, Jesus convoca Pedro, João e Tiago para orarem no monte (v. 28).

Ao descerem do monte, um dia após a transfiguração<sup>93</sup>, uma grande multidão o cercava. Então, um homem no meio do povo gritava (v.37), clamando pelo seu único filho: “Mestre, peço que olhe o meu filho, porque é o único que tenho”. A narrativa é de que o jovem estava “agarrado” por um espírito mal,

---

<sup>92</sup> COENEN; BROWN. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, p. 498.

<sup>93</sup> Kittel e Friedrich (2013) afirmam que, tradicionalmente, a transfiguração ocorre no monte Tabor. Acrescentam, ainda, que o nome do monte não era interessante para os autores do NT, devido a isso não é citado pelos sinotistas. Cf. KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

que dificilmente o deixara, causando-lhe sofrimento incessante, bem como, fazendo-lhe gritar, convulsionar e até espumar pela boca.

Antes de o Mestre atender para o pedido do homem que rogava por seu filho, afirma-se que, havia sido pedido aos discípulos para que o curassem, mas esses não o puderam (9.40).

A respeito disso, Morris afirma que, possivelmente o poder os havia deixado, fato condicionado há algum fracasso na sua vida espiritual (Mc 9.29, refere-se à necessidade da oração).<sup>94</sup> Nesse contexto, mediante o fracasso na ação solicitada aos discípulos, Jesus expressa uma comoção ao olhar a situação emergente e não ter quem tivesse êxito na libertação.

Evidentemente, Ele (Jesus) se sentia profundamente insatisfeito com seus contemporâneos: com o pai, que carecia de suficiente fé no poder curador de Cristo (cf. Mc 9.22-24); com os escribas, que em vez de mostrar alguma piedade, provavelmente se gloriavam na impotência dos discípulos (Mc 9.14); com o povo em geral, que nos Evangelhos é normalmente descrito como muito mais preocupado consigo mesmo do que com os demais (Jo 6.26); e, finalmente, porém não com menos razão, com os nove discípulos por seu fracasso em exercer sua fé, não pondo todo o coração na oração perseverante (Mc 9.29).<sup>95</sup>

A insatisfação de Jesus fica nítida com a exclamação seguinte “Ó geração incrédula e perversa!”, segundo exposto por Lucas (9.41). A ideia presente no texto não remete necessariamente aos não convertidos, mas aos que criam, porém, duvidavam do poder de Jesus.

No evangelho de João 20.27 o mesmo adjetivo “incrédula” é utilizado para expressar a atitude de Tomé de duvidar da ressurreição encarnada de Jesus. A palavra utilizada tanto em Lucas quanto em João vem do grego “ἄπιστος” (*ápistos* - provém da raiz *pístis*, que quer dizer fé) e remete à incredulidade, ou seja, descreve alguém que rejeita ou recusa o nascimento da fé de Deus.<sup>96</sup>

Moulton traduz essa expressão adjetivando alguém que mostra falsidade ou que viola a confiança de alguém.<sup>97</sup> As expressões utilizadas, de acordo com Morris, parecem ser o ponto crucial do argumento entre os escribas e os discípulos (Mc 9.14). Ressalta ainda que as pessoas a quem foram direcionadas as

<sup>94</sup> MORRIS. *O evangelho de Lucas*, p. 165.

<sup>95</sup> HENDRIKSEN. *Comentário do Novo Testamento*, p. 684.

<sup>96</sup> MOULTON. *Léxico grego analítico*, p. 45.

<sup>97</sup> MOULTON. *Léxico grego analítico*, p. 45.

palavras eram todos aqueles presentes que não tinham demonstrado fé suficiente para a cura do menino.<sup>98</sup>

Voltando-se para a condição do menino possesso, com base na narrativa sinótica sobre esse episódio, conferem-se os aspectos sintomáticos extraídos e apontados nos textos, conforme o Quadro 2:

**Quadro 2 – Aspectos sintomáticos identificados na condição de  
posseção do menino**

Sintomas físicos	Sintomas psicológicos	Sintomas espirituais
Gritos e alteração na tonalidade da voz	Sofrimento (Mt 17.14)	Lançado ao chão pelo demônio
Convulsionar até espumar pela boca	Agitação (Mc 9.26)	Cair no fogo e não morrer (Mt 17.15)
Mudez e surdez		Cair na água e não morrer (Mt 17.15)
Ranger de dentes (Mc 9.16,17)		

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Em relação aos sintomas apresentados, Stöger e Machado destacam três fases para a compreensão da doença: na primeira fase, o espírito se apodera do menino; depois, faze-o gritar, ficar agitado e espumar pela boca; na terceira e última fase, o menino é lançado por terra.<sup>99</sup> Tais sintomas são característicos de epilepsia<sup>100</sup>.

<sup>98</sup> MORRIS. **O evangelho de Lucas**, p. 165.

<sup>99</sup> STÖGER, Alois; MACHADO, Álvaro. **O evangelho segundo Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

<sup>100</sup> A **Associação Brasileira de Epilepsia** caracteriza esta doença como uma “alteração temporária e reversível do funcionamento do cérebro, que não tenha sido causada por febre, drogas ou distúrbios metabólicos e se expressa por crises epiléticas repetidas.” Ressalta-se como principais sintomas a manifestação de crises convulsivas, que é comumente é identificada como “ataque epilético”, onde a pessoa pode cair ao chão, apresentar contrações musculares em todo o corpo, mordedura da língua, salivação intensa, respiração ofegante e, às vezes, até urinar. Também podem apresentar a crise do tipo “ausência” é conhecida como “desligamentos”. A pessoa fica com o olhar fixo, perde contato com o meio por alguns segundos. Além disso, pode haver falta de controle de seus atos, fazendo movimentos automaticamente. Durante esses movimentos automáticos involuntários, a pessoa pode ficar mastigando, falando de modo incompreensível ou andando sem direção definida. Em geral, a pessoa não se recorda do que aconteceu quando a crise termina. Esta é chamada de crise parcial complexa. Vale destacar que, existem outros tipos de crises que podem provocar quedas ao solo sem nenhum movimento ou contrações, ou então, ter

No entanto, estima-se não ser o propósito do livro expor uma narrativa médica sintomática do caso apresentado, mas sim demonstrar o poder e autoridade divina de Jesus para curar e expulsar demônios, até uma demonstração da importância de manter uma vida de santidade para exercer tal papel. Devido a isso, compreende-se a falta de uma narrativa mais detalhada da doença do jovem.

Com todo esse cenário, Jesus, ao se reportar a todos que estavam ali, chamando-os de “incrédulos e perversos”, apresenta uma característica de profundo entristecimento ante as “deficiências” de seus discípulos, pois se mostraram fracos para expulsarem o demônio.<sup>101</sup>

Vale ressaltar que há um contraste desta passagem com os momentos anteriores de Jesus com os discípulos (Lc 9.28-36). Na narrativa antecessora, o Mestre se direciona ao monte para orar junto com Pedro, João e Tiago, onde ali ocorre o episódio da transfiguração, demonstração tanto do vislumbre transcendente de Cristo quanto da glória futura de Deus.

Para Barclay, estar no monte era essencialmente necessário, tinha o propósito de gerar forças, em outras palavras, o monte seria um símbolo de fortalecimento espiritual.<sup>102</sup> Então, no alto do monte, era manifesta a grandeza de Deus Pai, tanto no rosto quanto nas vestes de Jesus resplandecia uma luz brilhante (cf. Lc 9.29), ali estavam em paz na presença de Deus, enquanto em baixo onde estavam os outros discípulos estava instaurado um caos, homens atormentados por suas necessidades.

Não obstante, ainda no monte, aparecem a Jesus, e aos três discípulos escolhidos, as duas maiores figuras do Antigo Testamento, Moisés e Elias, que também estavam cercados por uma luz celestial, enquanto lá em baixo, estavam cercando os discípulos, homens fracos na fé, dentre a multidão estava o jovem possesso e epilético.<sup>103</sup>

Apesar da situação tortuosa que se instaurava no meio da multidão, provavelmente muitos se encontravam frustrados pela falta de êxito dos discípulos em curar o jovem possesso. A situação em questão levou Jesus novamente a

---

percepções visuais ou auditivas estranhas, ou ainda, alterações transitórias da memória. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/epilepsia-6/>. Acesso em 14 set. 2023.

<sup>101</sup> WIERSBE, Warren W. **Seja compassivo**: deixe o mundo saber que Jesus se importa: Lucas1-13. Santo André, SP: Geográfica, 2015, p. 120.

<sup>102</sup> BARCLAY, William. **The gospel of Luke**. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001, p. 110.

<sup>103</sup> STÖGER; MACHADO. **O evangelho segundo Lucas**, p. 279.

questionar a fé dos discípulos, isso deixa evidente a importância da devoção na obtenção da cura.

Isso fica ainda mais nítido no texto de Lucas 8:43-48, no qual se evidencia que o que leva o homem a ser curado é sua fé. Nesta narrativa, Jesus demonstra claramente o que havia salvado a mulher que estava em sofrimento há 18 anos, em razão de uma enfermidade, Ele disse: “Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz”.

Ao descer do monte, Jesus demonstra sua autoridade em se sobrepor ao sofrimento e misérias humanas, tendo como resultado a libertação. Em Colossenses 2.10 afirma-se que Cristo é o cabeça dos principados e das potestades. A Ele pertence o poder que leva à expulsão dos demônios.

Sequencialmente, Jesus solicita que tragam o menino até Ele. Quando o menino se aproxima, o relato em Lucas, revela que o demônio o lançou no chão e ele convulsionou. Desenvolver falando sobre ação paranormal

A partir disso, mesmo o jovem estando em um estado possesso, conforme descrito na narrativa, a manifestação só é desencadeada ao se aproximar de Jesus, o que leva a percepção a submissão dos espíritos imundos à autoridade do Mestre, semelhante ao episódio ocorrido em Lucas 10.17.

Apesar da possibilidade de, no nome de Jesus, os espíritos se submeterem ao senhorio de Deus, Cristo exorta os discípulos a não se alegrarem com este feito, antes devem se alegrar pelo fato de terem seus nomes escritos no livro da vida, ou seja, o milagre da salvação (Lc 10.20).

Vale ressaltar ainda que a prática da libertação não está relacionada aos esforços humanos. Nota-se na narrativa lucana homens usados por Deus, mediante à figura de Cristo Jesus, ou seja, não é simplesmente pela palavra proferidas que a libertação é possibilitada. Na narrativa lucana é revelado o condicionamento da expulsão à evocação do nome de Jesus, pois nEle está toda a autoridade para tal ação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, buscou-se expor narrativas de possessão demoníaca em Lucas e refletir sobre Satanás, os relatos de possessão, os sintomas elencados, sintomas, classificação e cura libertadora.

Lucas, mesmo abordando em um prisma espiritual os milagres operados pelo poder de Jesus, também tinha experiência profissional para falar a partir de uma perspectiva médica, devido sua profissão. Isso leva o autor a apresentar relatos de curas de forma mais precisa em relação aos outros evangelísticas bíblicos.

Com base nos diálogos com os teóricos, o estudo apontou à relevância do papel social de Lucas enquanto médico, para a compreensão das doenças em um aspecto não só espiritual, mas também biológico e psicológico, além da relevância do contexto histórico para fundamentar a análise do contexto específico de Lucas 9.37-45.

Para alcançar os objetivos deste artigo, foram feitas exposições panorâmicas das narrativas sobre manifestações de forças malignas e os sintomas da possessão em Lucas. Procurou-se construir um quadro comparativo para apresentar as alterações de ordem física e psíquica na narrativa lucana.

Percebeu-se que o domínio do império das trevas se estabelece sobre todos que estão distantes do Senhor, porém, ao serem alcançados pelo poder libertador do evangelho, são transformados e libertados das amarras satânicas que os adoeciam.

Identifica-se que a manifestação demoníaca resulta em alterações em três instâncias, sendo essas de ordem física, psíquica e espiritual no indivíduo, isso por sua vez demonstra o domínio e o controle dos espíritos imundos sobre a condição humana, causando-lhe malefícios – doenças e enfermidades. No entanto, Lucas demonstra a autoridade e poder do Senhor, como cumprimento de sua missão divina, ao curar e libertar. Além disso, as curas serviram para testificar a veracidade da Palavra de Deus e, sua aplicabilidade a todos que testemunharam o ato, glorificando a Deus.

A partir do estudo, extrai-se também que as palavras de Jesus tiveram um caráter exortativo à prática da oração, visto que, a libertação está condicionada a uma vida de confiança e devoção a Deus, o que não pode nada menos do que devoção de todo o coração (MORRIS, 1983, p. 222).<sup>104</sup>

Mesmo que igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, sejam movimentos “demoniocêntricos”,<sup>105</sup> em que há ênfase no “inimigo de Deus” em seus cultos, as Escrituras tratam da realidade de Satanás e não devemos nos esquivar da questão. Antes, deve-se tratar dessa temática de forma “bibliocêntrica”

Aqui neste artigo, procurou-se entender tais manifestações pelo prisma lucano. Em estudos posteriores, pode-se estudar a demonologia, tratando sobre a

---

<sup>104</sup> MORRIS. *O evangelho de Lucas*, p. 222.

<sup>105</sup> BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012.

atuação das forças malignas no ser humano, com base em outros livros bíblicos, a fim de aumentar o entendimento bíblico sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS

- BARCLAY, William. **The gospel of Luke**. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BÍBLIA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. **Nova Almeida Atualizada**. Edição Revisada e Atualizada®, 3. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**, São Paulo: Vida Nova, 2006.
- GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- FRANKLIN, Wilson. **O evangelho de Lucas: a vida de Jesus**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.
- HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Lucas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- MOULTON, Harold K. **Léxico grego analítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MORRIS, Leon L. **O evangelho de Lucas**. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- PIRAGINE JR, Paschoal. **Batalha espiritual: Ministrando libertação no corpo de Cristo**. Curitiba: A. D. Santos, 2008.
- POWLISON, David. **Batalha Espiritual: firmeza contra os ataques do inimigo**. São José do Campos, SP: Fiel, 2021.

QUEVEDO, Oscar Gonzalez. **Antes que os demônios voltem**: explicação dos fenômenos e análise das teorias a luz da psicologia, filosofia, teologia e parapsicologia. São Paulo: Loyola, 1989.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2005.

STÖGER, Alois; MACHADO, Álvaro. **O evangelho segundo Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

STUHLMUELLER, Carrol. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007.

VAILATTI, Carlos Augusto. **Manual de demonologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

WEGNER, U. Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus segundo os evangelhos. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo-RS, v. 43, n. 2, p. 82–103, 2022. Disponível em: [https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/ET/article/view/1393](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/1393). Acesso em: 22 set. 2023.

WIERSBE, Warren W. **Seja compassivo**: deixe o mundo saber que Jesus se importa: Lucas 1-13. Santo André, SP: Geográfica, 2015.